

PARA NARRAR O TEMPO DA VIDA. UM ENSAIO SOBRE A ACELERAÇÃO SOCIAL

João Lucas Faco TZIMINADIS¹

RESUMO: Trata-se de um ensaio acerca da relação entre subjetividade e temporalidade nas sociedades contemporâneas, tendo como pano de fundo a narratividade da vida. Opera-se uma reflexão sobre o tempo em face dos processos de secularização e individualização, elucidando sua relação com o imperativo da acumulação, de modo que se descubra aí uma natureza temporal aceleratória. À luz da teoria social da modernização e da teoria da aceleração social de Hartmut Rosa, a vida individual é registrada sob a categoria de tempo biográfico, com a finalidade de fornecer um diagnóstico do tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo biográfico. Aceleração social. Narratividade. Hartmut Rosa.

I

Quando Mefisto se apresentou a Fausto como espírito negador, no qual se encarna a mais moderna das forças – a da individualidade que tensiona todo o tecido do real –, as consequências mais longínquas de sua chegada já se anunciavam. Marshall Berman (1982) compreendeu como poucos a virulência dessa figura, pois os séculos que se sucederam a Goethe testemunharam desenvolvimento tal que, olhando-se retrospectivamente, um observador sensato não deixaria de reconhecer que todo e qualquer fundamento concebido para a vida humana não pôde senão “percer miseravelmente”. Assim como Descartes resvalara no paradoxo de ter na dúvida a única certeza, Fausto, que

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. jltziminadis@hotmail.com.

é o protótipo do indivíduo desenraizado, só pôde lançar os fundamentos de sua vida na certeza da impermanência, tendo plena consciência de que a única duração é a da constante ruptura. Essa é a tragédia fundamental do homem que destronou Deus e assumiu para si o papel de criador. “Fausto não será capaz de criar nada a não ser que se prepare [...] para aceitar o fato de que tudo quanto foi criado até agora [...] deve ser destruído, a fim de consolidar o caminho para mais criação.” (BERMAN, 1982, p.48-49). Essa dialética que invariavelmente retorna ao seu momento de negação é um distintivo da experiência do tempo moderno. E o indivíduo, centro de referência desse processo, que diferencia-se e apropria-se da matéria para transformá-la, sente sobre si mesmo o peso de tal perfusão.

Esse é o pano de fundo diante do qual se desenrola o presente trabalho, pois em sua representatividade alegórica lança luz sobre a dimensão mais premente no registro dos fenômenos modernos: o tempo. Recentemente, Zygmunt Bauman (2001, p.140) definiu a modernidade como “história do tempo”, ou “o tempo em que o tempo tem história”. Pode-se desdobrar dessa definição que essa história do tempo é, antes, a história de sua experiência. O desenvolvimento técnico, *pari passu* ao imperativo da acumulação, resulta numa constante dinamização da experiência vivida, de modo que avulta a ideia de uma aceleração do tempo mesmo, de sua crescente opressão sobre a vida. “Tudo que é sólido desmancha no ar”, dir-se-á, numa voracidade escalar. Na contemporaneidade dita pós-histórica, esse movimento tende a ser percebido como progressiva precipitação num abismo, sem qualquer motivação utópica que forneça sentido à corrida generalizada.

Hartmut Rosa, sociólogo alemão, tem se debruçado sobre a qualidade temporal da modernidade. Com intuito de diagnosticar *nosso tempo*, ele cunhou o conceito de *aceleração social*, e chegou mesmo a defini-lo como chave de leitura do processo de modernização (ROSA, 2013). A partir de um sistema de aceleração, composto por três dimensões fundamentais – aceleração técnica, aceleração do ritmo da vida e aceleração das mudanças sociais –, o autor aponta para um paradoxo fundamental: por que as pessoas sentem-se premidas pelo tempo enquanto novas técnicas de aceleração são desenvolvidas? Estas não seriam, justamente, orientadas para a diminuição do tempo necessário para se realizar tarefas, aumentando, assim, a disponibilidade de tempo? Para que isso ocorra é preciso observar o seguinte: uma lógica de *crescimento exponencial*, seja na reprodução do capital, seja na ampliação das experiências possíveis na cultura, acompanha a lógica de aceleração técnica. Esse crescimento exponencial não é um parale-

lo, mas um traço constitutivo da experiência moderna do tempo. A sociedade apenas acelera, conclui Hartmut Rosa (2013), porque o imperativo de crescimento sempre ultrapassa a aceleração dos meios técnicos. A economia de tempo possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico não é, portanto, convertida em alargamento da ociosidade, mas transformada em subsídio para a escalada de capitais, experiências, informações etc. A consequência ulterior é deduzível: a sociedade acelerada é uma sociedade da saturação.

A unidade que encerra o tempo da vida sofre transformações prenes de consequência. O “tempo da vida” torna-se progressivamente incompatível com “tempo do mundo” (ROSA, 2010). Walter Benjamin (1994) já havia percebido, no início do século passado, que o peso das artilharias modernas sobre a vida social legaria ao frágil corpo humano um cenário de desfiguração, diante do qual toda experiência seria maculada pelo presságio de uma nova destruição. O resultado é a fragmentação do fio das gerações. Assim, o indício fundamental do tempo acelerado não é a acumulação edificadora de experiências, mas a sucessão de experiências inacabadas, mediadas pela ruptura. Reinhart Koselleck também observa algo semelhante. Para ele, uma característica fundamental do tempo histórico moderno é o progressivo afastamento entre o “espaço de experiências” e o “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006, p.314). Aquilo que se sabe já não limita mais aquilo que se espera, de modo que o presente, que é justamente o ponto de coincidência entre experiência e expectativa, torna-se um interstício cada vez mais curto. “Não apenas o fosso entre o passado e o futuro aumenta; a diferença entre experiência e expectativa é sempre superada, e de forma cada vez mais rápida, para que possa continuar viva e atuante [...]” (KOSELLECK, 2006, p.322).

Esse aspecto é tomado em conta por parte do teórico da aceleração social. A obsolescência das experiências, e sua progressiva intensificação, revela-se na alteração das taxas de mudança social (ROSA, 2013, 2011). Se num período pré-moderno as mudanças ocorriam ao longo de várias gerações, com o advento da modernidade elas passam a ocorrer numa taxa *geracional*, o que significa que a experiência de uma geração tem pouca validade para a subsequente. Essa última condição parece já não fazer sentido para aqueles que vivem o tempo presente, pois a integração social exige cada vez mais que os indivíduos estejam dispostos a despojarem-se de suas experiências ao longo de suas vidas, com o fito de adaptarem-se a mudanças que ocorrem no seio de uma mesma geração. Por isso Hartmut Rosa concebe o status da mudança social contemporânea como *intrageneracional*. Chega-se às portas do problema do *tempo biográfico*. Pois o curso

de uma vida contingenciada pela experiência do fragmento e pela obsolescência impõe obstáculos novos à narração do tempo vivido.

II

A morte pode ser tomada como *medium* de reflexão privilegiado sobre a vida.

“A ideia de eternidade sempre teve na morte sua fonte mais rica.” (BENJAMIN, 1994, p.207). Nessa asserção iluminadora Benjamin estabelece um paralelo entre o momento da despedida do moribundo e o elo que ata aqueles que vivem aos que já partiram, mas essa relação demonstrou sua força num momento passado, no qual a morte não significava senão o desfecho de um ciclo que se renovaria eternamente. Nessas condições, o grande espólio daquele que morre é a experiência legada aos mais novos, como se esses inaugurassem apenas mais um capítulo na longa história narrada através das gerações. Weber chegou a esse problema ao tomar a pergunta que, para ele, orientava a obra de Leon Tolstói: “a morte é ou não é um acontecimento que encerra sentido?”. A resposta só pode ser negativa quando trata-se do “homem civilizado”, uma vez que “a vida individual do civilizado está imersa no ‘progresso’ e no infinito e, segundo seu sentido imanente, essa vida não deveria ter fim”. O “progresso” guarda uma lógica segundo a qual um novo acontecimento sempre é possível, de modo que “nenhum dos que morrem chega jamais a atingir o pico, pois que o pico se põe no infinito”. Em tudo essa morte civilizada difere da dos antigos camponeses, que “ao fim dos seus dias [...] não subsistia enigma que eles ainda teriam desejado resolver” (WEBER, 2011, p.31).

Acelerar a vida é também uma resposta moderna à finitude da existência (ROSA, 2010). Essa afirmação só pode cobrar seu sentido quando se compreende que o ímpeto moderno de ampliar a experiência humana é transformado em paradigma de *boa vida*. Deve-se tomar em consideração a intransponível fatalidade da morte, sobretudo na medida em que o processo de secularização reduz progressivamente as expectativas de continuidade *ad infinitum*. A aceleração, nesse sentido, pode avultar como uma forma de suturar a lacuna entre o “tempo da vida” e o “tempo do mundo” (ROSA, 2013). A morte não apenas transforma-se em mote de aceleração, mas passa necessariamente por uma ressignificação diante da vida. A comunidade narrativa das gerações cede lugar a uma estrutura propriamente biográfica do conteúdo narrado. Proceda-se uma “temporalização

da vida” (ROSA, 2013, p.228). Em sua solidão, o indivíduo encontra-se diante da difícil tarefa de narrar seu próprio percurso.

O sentido da identidade individual que as formas sociais pré-modernas apresentavam em seu seio só pode ser compreendido a partir de condições externas ao indivíduo, de modo que não se pode averiguar aí uma questão da identidade. Essa só emerge quando essas formações dão os primeiros indícios de dinamização. Na medida em que a composição da identidade pessoal perde, paulatinamente, o caráter de *dado* em razão do caráter de *escolha*, a fundamentação ética migra da *comunhão* para a *convicção*, do destino da comunidade para formação do caráter, de modo que é possível traçar um paralelo entre o desenraizamento dos indivíduos e sua dinamização identitária. Aqui fica evidente que, em termos lógicos, o processo de individualização fez emergir duas tendências tensionadas no seio da sociedade moderna: de um lado, a liberalização das fronteiras da experiência possível e, de outro, o peso da responsabilização do indivíduo em dar forma à própria vida. Esse *ser-aí* entrecortado pela incerteza e pela responsabilidade sobre si é o sujeito da psicanálise. Historicamente, ele já se manifesta na figura do gênio renascentista.

O homem, deslocado do centro da criação, foi convocado a se tornar o centro de suas próprias referências e assim encontrar (ou inventar) seu lugar na ordem do universo. A melancolia renascentista adquire, assim, um prestígio muito diferente do abatimento da vontade característico da acedia medieval. O melancólico do humanismo, convocado a buscar em si mesmo a medida de suas escolhas, reúne vontade de saber, consciência de si, busca de sentido, angústia diante da escolha [...] Tal otimismo humanista não impediu, porém, que o melancólico renascentista sofresse o peso de uma consciência angustiada ante a insignificância de sua presença no mundo. (KEHL, 2009, p.69).

O leitor contemporâneo de clássicos antigos, como a *Odisseia* ou a *Ilíada* de Homero, por exemplo, caso não tenha um mínimo de familiaridade com a cultura grega, seus deuses, heróis e passagens “épicas”, terá sérias dificuldades em compreender de imediato as genealogias e histórias cruzadas que entretecem o cosmos no qual se desenvolve a narrativa. A mediação coerente dos acontecimentos, e a despreocupação do narrador em efetuar explicações, ou facilitar a inserção do leitor ou ouvinte no contexto daquilo que é contado, expressa uma condição cultural que em tudo difere da condição moderna. Há para os antigos, pode-se

pensar com Benjamin, uma “forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1994, p.205) que vincula narrador e ouvintes em uma comunidade semântica. A vida de Ulysses não pode ser narrada de outro modo que não pelas constantes referências aos acontecimentos que conformam a mitologia grega, isto é, não pode ser narrada separadamente.

No romance moderno os aspectos biográficos das personagens são profundamente relevantes (LUKÁCS, 2011). Em seu isolamento o herói romanesco deve tatear o caminho a ser seguido, criando uma identidade em relação ao leitor, que também não pode fazer grandes previsões sobre a sequência dos seus dias. Para Benjamin, o surgimento do romance moderno já sinalizava o declínio irreversível da narrativa, pois esta, diz, provém da “tradição oral, patrimônio da poesia épica”, que só pode ser alimentada pela experiência compartilhada, pela transmissão de saberes que corrobora aquilo que outrora se chamava “sabedoria – o lado épico da verdade” (BENJAMIN, 1994, p.201). Num dos mais importantes exemplares da literatura romanesca, a configuração da nascente sociedade burguesa e, com ela, a figura do indivíduo indeciso, problemático, desorientado em relação ao caminho que deverá tomar para dar fim à sua biografia, registra a imagem de uma tensão profunda entre a individualização e o seu peso sobre o próprio indivíduo. Trata-se de outra obra de Goethe: *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* – precursor do *Bildungsroman* (romance de formação). Num diálogo exemplar, o jovem Wilhelm, inquieto, questiona seu interlocutor se este crê que a vida digna é aquela que deixa conduzir-se pelo destino. A resposta o surpreende:

A trama deste mundo é tecida pela necessidade e pelo acaso; a razão do homem se situa entre os dois e sabe dominá-los; ela trata o necessário como a base de sua existência; sabe desviar, conduzir e aproveitar o acaso, e só enquanto se mantém firme e inquebrantável é que o homem merece ser chamado um deus na Terra. Infeliz aquele que, desde sua juventude, habitua-se a querer encontrar no necessário alguma coisa de arbitrário, a querer atribuir ao acaso uma espécie de razão, tornando-se mesmo uma religião segui-lo! (GOETHE, 2006, p.83).

Desenredado de uma comunidade de destino, Wilhelm é impelido a utilizar-se de sua própria razão para dar forma à sua vida. O tempo biográfico aparece aqui como uma esfera fechada em si mesma, diante da qual apenas o indivíduo pode, auxiliado pela razão, estabelecer critérios, fazer escolhas e postular um

horizonte a ser perseguido. Nenhuma necessidade é sustentada pelo destino, nenhum acaso resulta da providência. O aparecimento dessa dialética na obra de Goethe, historicamente sintetizada no conceito de *Bildung*, expressa uma vontade de *autonomia*. E mais: a razão aparece aqui como medida de justiça entre a ampliação da experiência e a conformação da vida a uma conduta plena de sentido.

O ideal da formação (*Bildung*), expressa, por um lado, a preocupação acerca da boa conduta, do desenvolvimento bem talhado do tempo da vida, do uso da razão como meio de discernimento. Por outro, ele traz em si uma proposta humanista segundo o qual a *boa vida* consiste no desenvolvimento máximo dos potenciais e talentos subjetivos, o que implica na ampliação de todos os horizontes, e em potencial, ruptura com qualquer conteúdo moral. Volta-se aqui ao problema da finitude, pois, diante do significado assumido pela morte, a única forma de realizar tal ideal consiste na aceleração de todas as experiências. “Aquele que vive mais rápido pode, então, num certo sentido, completar uma variedade de projetos de vida dentro da duração de uma única vida, e tornar suas possibilidades de experiência acessíveis para si.” (ROSA, 2013, p.183, tradução nossa). O lapso de Hartmut Rosa é sugestivo: aquele que acelera tem em seu horizonte alcançar uma variedade de *projetos de vida*, mas dificilmente esses projetos tornam-se efetivados. O tempo biográfico, que com o declínio da eternidade passa a ser a única unidade de tempo diante da qual cada indivíduo deve orientar suas ações, não pode desenrolar-se na mesma cadência que percorre um mujiqe a sua vida. A mesma cultura que temporaliza a vida é aquela que a lança num mundo objetivo profundamente inconstante. A velocidade desse “tempo do mundo” só pode ser acompanhada ao preço da própria fragmentação do “tempo da vida”. Se o conceito deve captar o movimento da experiência que trata, o *tempo biográfico* guarda o potencial da *explosão biográfica*.

Na análise de Berman, é chamada a atenção do leitor sobre um fragmento específico – e revelador – da obra de Goethe. No *Fausto*, após a destruição criadora de todas as formas e conteúdos que povoavam o antigo mundo da tradição, prostra-se diante da onda avassaladora um último rincão de estabilidade e serenidade. Trata-se da de uma pequena porção de terra ocupada pelos velhos Filemo e Báucia. “São demasiado velhos, demasiado teimosos, talvez demasiado estúpidos para se adaptar e mudar; no entanto, são pessoas belíssimas, o sal da terra em que vivem.” (BERMAN, 1982, p.68). Esse vestígio do passado precisa ser destruído em razão de uma lógica imanente àquele espírito negador. A vida de “progressos” (Weber) que Fausto busca encarnar guarda, no entanto, uma

consequência ulterior imprevista: ela mesma deve perecer. A sua expansão, por fim, lança seu *eu* no cadinho do tempo.

Ao matar o casal de velhos, ele prenuncia sua própria sentença de morte. Tendo eliminado todos os vestígios deles e do seu velho mundo, não lhe resta mais nada a fazer. Agora ele está pronto para dizer as palavras que selam de realização a sua vida e, por isso, o conduzem à morte: *Verweile doch, du bist so schoen!* (Pára, instante que passa, és tão formoso!) [...] Ironicamente, assim que esse fomentador conseguiu destruir o mundo pré-moderno, destruiu também qualquer razão para continuar no mundo. (BERMAN, 1982, p.69).

III

A formação da identidade individual vincula-se necessariamente a um quadro referencial de tempo, isto é, de escalas e pontos de orientação temporais que garantem ao indivíduo – já desprovido dos predicados substanciais típicos de uma comunidade pré-moderna – uma relativa confiança para com as etapas básicas através da qual conduzirá sua vida. Aquilo que acima foi esboçado como gênese do tempo biográfico vai ao encontro das crescentes necessidades – não obstante contraditórias – por regulamentação social de parâmetros que permitam aos indivíduos vislumbrar, ao longo de suas vidas, balizas biográficas. Norbert Elias (1998) fala de um “nível de síntese relativamente baixo” dos conceitos temporais de sociedades primitivas. A ideia mesma de tempo emergiria ao longo de um processo sintetizador de experiências de duração: os ciclos da lua, a variação das estações, a sazonalidade da agricultura etc. Mesmo quando esses ritmos são transferidos para instituições temporais mais elaboradas, são eles invariavelmente os quadros de referência para o desenvolvimento da vida individual. Mas não deixa de ser perceptível, diante da aceleração social, que os quadros de referência temporal tornam-se notavelmente turvos contemporaneamente. Há uma certa dissolução da sequencialidade cronológica das fases da vida (ROSA, 2013), pois esta já não se desenha no plano de um ciclo que encerra sentido.

Se nos tempos presentes essa sensação de desregulamentação de todos os referenciais beira a unanimidade, cabe demonstrar que a aceleração social nasce numa modernidade marcada pela ordem. Conta-se que na Inglaterra do tempo das primeiras máquinas a vapor, a sirene das fábricas, compassada com o relógio mecânico, impunha uma nova cadência bastante contrastante

em relação à temporalidade ancestral do homem comum, que remontava aos mais longínquos costumes camponeses (THOMPSON, 1984). A despeito da difícil adaptação, não faltaram moralistas que, à época, incentivavam o trabalho regular e a disciplina temporal baseada nas escalas abstratas do relógio – mais eficazes e produtivas que a inconstância do tempo concreto, baseado na duração mesma de cada atividade. Na data tardia de 1903, um “velho oleiro” escrevia que condenava a falta de cálculo e regularidade de seus colegas, pois que uma vez que estes seguissem o ritmo da máquina a vapor, aprenderiam os hábitos da industriiosidade regular e contínua (THOMPSON, 1984). Ao mesmo tempo, a penetração social da máquina prolongava o tempo de trabalho, expandindo, assim, o espectro da aceleração social. Jonathan Crary, professor norte-americano de história da arte, destaca a obra de Joseph Wright of Derby, *Arkwright's Cotton Mills by Night*, pintada por volta de 1782. Nessa tela é possível distinguir, numa noite nebulosa e iluminada pela lua cheia, a parede e as janelas de um edifício industrial, embrenhado entre árvores. Observa-se que, diferentemente de todos os outros elementos da paisagem, os moinhos de algodão não são iluminados pela lua, mas por uma luz própria.

A estranheza da pintura vem em parte da inserção discreta, mas notadamente antipitoresca, de prédios de tijolos de seis e sete andares em uma paisagem rural de bosques selvagens. Segundo historiadores, são estruturas sem precedentes na arquitetura inglesa. Mais inquietante, no entanto, é a elaboração de uma cena noturna na qual a luz da lua cheia, iluminando um céu repleto de nuvens, coexiste com os pequenos pontos de luz das janelas dos moinhos de algodão, iluminadas por lâmpadas a gás. A iluminação artificial das fábricas anuncia a instauração racionalizada de uma relação abstrata entre tempo e trabalho, separada das temporalidades cíclicas dos movimentos da Lua e do Sol. A novidade dos moinhos de Arkwright não está no determinante mecânico, como o motor a vapor (os moinhos eram hidráulicos) ou as recém-inventadas máquinas de tecer, mas na **redefinição radical da relação entre tempo e trabalho**: a ideia de operações produtivas ininterruptas, do trabalho lucrativo em funcionamento 24/7. (CRARY, 2014, p.71, grifo nosso).

O tempo natural e divino, encarnado na oscilação dos astros, cede lugar ao tempo maquinico, encarnado na atividade metódica e indiferente para com as determinações naturais da fábrica. Se a metáfora de Bauman (2001) é prudente,

pode-se observar nos moinhos de algodão de Arkwright a manifestação de um espírito próprio à “modernidade sólida”. Surge aí, para Hartmut Rosa, o ambiente social e o sentido histórico das formações individuais baseadas numa identidade ao mesmo tempo individual e coerente. Trata-se do individualismo que chama a atenção de Max Weber no estudo da ética protestante, pois que se orienta a partir de critérios que não se atam à tradição e se desvinculam, paulatinamente, de sua confissão religiosa, restando apenas a “vocação” (*Beruf*) como baliza fundante. A ética do trabalho torna-se o principal referencial de administração do tempo biográfico, pois que nessa fase sólida da modernidade a funcionalidade e o esquematismo das instituições proporcionavam certa estabilidade dos horizontes de orientação. A “temporalização da vida” é enredada numa “identidade estável *a posteriori*” (ROSA, 2013), de modo que o caminho escolhido para cursar o tempo da vida é dificilmente revisado, o que difere do padrão identitário da “modernidade tardia”, no dizer de Rosa.

A relativa constância que enreda esse tipo de formação biográfica, e que proporciona uma identidade coesa, está profundamente ancorada naquele padrão temporal cuja palavra de ordem exprimia um apelo à prudência, à regularidade, ao comedimento – enfim, um padrão temporal regulamentado pela previdência. Apesar de indicar um salto qualitativo na aceleração dos ritmos da vida social quando comparado ao padrão errante do tempo nas sociedades pré-modernas, a fixidez da estrutura temporal da modernidade clássica possibilitava um processo concomitante de individualização e construção de um curso biográfico cujo resultado era uma identidade bem delimitada. Essa se revela na estrutura de sentido das narrativas pessoais.

O acirramento da aceleração social na virada do milênio, segundo tornou-se um diagnóstico comum a muitos pensadores contemporâneos, implicou a implosão da linearidade narrativa dos percursos biográficos, sobretudo pelas mudanças ocorridas no âmbito da relação dos indivíduos com o trabalho e com outros indivíduos. No quadro da teoria da aceleração social, essa “onda aceleratória” seria o resultaria da confluência de três fenômenos revolucionários: (1) as revoluções políticas que marcaram o fim da Guerra Fria e a queda do mundo soviético, (2) a revolução digital das comunicações, que alterou o status da informação e da mobilidade social e, por fim, (3) a revolução econômica da acumulação flexível do capitalismo financeiro (ROSA, 2013).

A primeira dessas causas, ver-se-á, pode ser aquela cujas consequências toquem mais fundo no que diz respeito ao horizonte histórico e ao horizonte de orientação biográfica. O mesmo homem que declarou o fim da história, em

meio ao burburinho da queda dos muros e das cortinas, reconheceu, numa tonalidade algo romântica, que “o fim da história será um momento muito triste”. Pois aquela disputa entre mundos fornecia um alimento para a alma, alçava as trajetórias individuais a um sentido coletivo, reabilitava os ídolos que, na mente de um filósofo do século XIX, já haviam vivenciado seu crepúsculo. “No período pós-histórico”, diz Fukuyama, “[...] não haverá arte nem filosofia, apenas a perpétua conservação do museu da história humana.” (FUKUYAMA, 1990, p.31). Eric Hobsbawm (1995) observa que o colapso do socialismo é acompanhado de uma tendência ascendente nas sociedades ocidentais: novas buscas pela *comunidade*, políticas de identidades e particularismos outros. Do ponto de vista histórico, isso pode ser lido como a implosão das grandes narrativas numa miríade de outras pequenas. A raiz histórico-valorativa dos dois mundos em disputa na Guerra Fria remontava a um ponto comum: a razão universalista e secular, fruto de uma acumulação histórica da intelectualidade ocidental. O ideal do progresso, que no último século foi mais vigoroso que agora, era consequente de sentido: a humanidade caminhava sobre os trilhos de um destino comum. O revisionismo histórico hodierno é em tudo diverso desse quadro. As vidas individuais, cada vez mais desfiladas das grandes narrativas, tornam-se biografias cada vez mais revisadas.

A desorientação histórica, no entanto, não é parte de um processo de despotencialização e desaceleração social. Pelo contrário. A questão que se coloca de forma cada vez mais veemente é a de saber para onde, apesar de tão velozmente, corre o mundo. A boa metáfora dessa experiência é aquela do próprio Hartmut Rosa (2010), quando este observa que em dado momento da modernidade o grande símbolo da aceleração era a *motocicleta*, que representava a liberdade de sempre locomover-se mais rápido para um destino mais ou menos traçado de antemão. Na “modernidade tardia”, a motocicleta é substituída pela *roda de hamster*, sempre girando no mesmo lugar. Dezenas de caminhos se abrem aos indivíduos que, premidos pelo tempo finito de suas vidas, dificilmente chegam ao fim de um deles.

A velocidade das novas tecnologias comunicacionais suprime não apenas o espaço, mas o próprio tempo, criando uma rede de coordenações instantâneas e aumentando as possibilidades de *multitarefa*. A desregulamentação das divisas entre tempo livre e tempo de trabalho é o desdobramento dessa nova condição. “As práticas de flexibilidade [...] concentram-se mais nas forças que dobram os homens.” (SENNETT, 2010, p.53). A cultura da aceleração se revela, seja no que toca os valores que circulam e orientam a vida social, seja no que toca às

transformações administrativas que fitam um maior desprendimento entre os indivíduos e as organizações, naquilo que Richard Sennett identificou como um processo de “corrosão do caráter”. Ainda na introdução de seu belo ensaio, o sociólogo norte-americano define brevemente o significado de caráter, e sua obstaculização numa sociedade “impaciente”.

O termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Da confusão de sentimentos em que todos estamos em algum momento em particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres. Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós uma sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojctadas? Estas as questões sobre o caráter impostas pelo novo capitalismo flexível. (SENNETT, 2010, p.10-11).

A rotina organizada em torno das variações trabalho/não-trabalho, que por um longo período servia de referência fundamental para o desenvolvimento de um percurso biográfico relativamente retilíneo, transforma-se, para os novos *managers*, um obstáculo a ser vencido.. A regularidade temporal, tão cara à burguesia industrial dos tempos idos, dá lugar a uma estrutura pautada no “flexitempo” (Sennett), cuja maleabilidade permite atar a lógica de acumulação às mais variadas formas de individualidade. O que se verifica é um completo divórcio entre o líder empresarial e o grande projeto de Henry Ford. Aquele heroísmo de abnegação, que de alguma maneira concedia honra a ética ao trabalho, é substituído por um estilo rapinador, que Sennett identifica na predisposição competitiva dos homens de negócios que, periodicamente, reúnem-se em Davos, na Suíça, para o Fórum Econômico Mundial – o “homo Davos”. A figura escolhida pelo sociólogo para encarnar essa nova espécie é Bill Gates, que no seu comportamento de jogador se diferencia de padrões mais arcaicos, como aquele encarnado por John Rockefeller:

Gates, por exemplo, parece não ter a obsessão de se apegar às coisas. Seus produtos surgem numa fúria e desaparecem com a mesma rapidez, enquanto Rockefeller queria ser dono de perfuradoras de petróleo, prédios, máquinas ou estradas de ferro, a longo prazo. A falta de apego a longo prazo parece assinalar a atitude de Gates em relação ao trabalho: ele falou mais de alguém tomar posição numa rede de possibilidades do que ficar paralisado num determinado emprego [...] Mas sua disposição a dobrar-se é evidenciada por estar pronto para destruir o que fez, diante das demandas do momento imediato – tem a capacidade de largar, embora não de dar (SENNETT, 2010, p.72).

A atitude tipificada na figura de Gates pode ser generalizada, e não apenas entre seus pares, mas também como um ideal de realização pessoal que se verifica num largo estrato da sociedade capitalista contemporânea. Estar preparado para abraçar as oportunidades do momento – mesmo que para isso seja necessário abandonar todo o percurso já trilhado – é a máxima do ideal de sucesso, e não apenas no âmbito da economia, como também no das relações afetivas (BAUMAN, 2004). Essa exortação à flexibilidade é, ao mesmo tempo, uma desaprovação moral da manutenção dos compromissos de longo prazo, o que, de maneira contrastante, aponta a própria dissolução do padrão moderno de temporalização da vida. Pois esse padrão pressupõe a formação de uma unidade de tempo coerente. Ocorre que, se se segue a sugestão de Rosa (2013), a temporalização da vida dá lugar a uma *temporalização do tempo*. Temporalizar o tempo é conceber as experiências, os eventos, as relações etc. como unidades de tempo transitórias, que se desvinculam entre si e encerram-se sobre si mesmas (ROSA, 2013). O tempo temporalizado implica numa perda total da pretensão de unidade – e não obstante, por mais motivado que seja pela liberalização, implica num déficit de autonomia. A aceleração do ritmo da vida, cujo sintoma mais evidente é a sensação de que *não há tempo*, pode ser compreendida na chave de uma pluralização do *eu*, seu desmembramento em diversas frentes, que se dá tanto numa perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Por fim, a identidade relativamente estável que se pretendia construir ao longo do percurso biográfico acaba por ceder seu lugar para um padrão de *identidade situacional*, que só pode ser definida temporariamente. Emerge uma transformação dos critérios de reconhecimento social: estiolam-se progressivamente as perspectivas *posicionais* – isto é, o lugar ocupado por um indivíduo dentro do tecido social – em razão das perspectivas *performativas* –

que avaliam os indivíduos a partir de seu desempenho em no momento de realização de uma dada atividade.

IV

Debruçado sobre a questão da performance, o sociólogo francês Alain Ehrenberg também aponta o peso que essa palavra-valor adquire na conformação social do capitalismo flexível. E aqui é verificável a transposição do ideal do empresário bem-sucedido, que outrora figurava o conjunto de representações éticas da burguesia estabelecida, para o âmbito das massas. Isto é, por um lado a lógica empresarial passa a fundamentar a vida de homens e mulheres de estratos sociais os mais variados, criando, no imaginário coletivo, o ideal de uma realização pessoal pautada no espírito do jogador voraz. Por outro, a introjeção do espírito empresarial é acompanhado por uma larga desmobilização das forças sociais na proteção da vida individual, o que se revela como gatilho da corrida pelo pódio – e dota de justificativa social o estigma dos perdedores. A performance emerge, nesse contexto, como uma “teatralização de si mesmo”, uma representação competitiva do eu, que receia ser deixado para trás, e portanto torna-se empresário de si. A performance de dada peça de teatro não se confunde com a peça mesma: esta última é duradoura e independente de suas interpretações. O caráter performático do novo padrão de reconhecimento social não engana quanto à sua forma de ser fugaz. A norma por detrás desse caráter consiste na individualização total, na redução infinitesimal da identidade individual: ser-aí-agora.

Da obra de Ehrenberg pode-se retirar um exemplo interessante. Filha da nobreza de Mônaco, a Princesa Stéphanie, de sobrenome Grimaldi, não sentia que seria um bom destino ser lembrada – ou esquecida – como membro de uma das poucas famílias verdadeiramente aristocráticas da Europa. Sua identidade, portanto, deveria ser resultado de seu empenho em tornar-se notável. Mas não apenas pelo que ela faz ou pela sua vocação laboral, mas simplesmente pelo que ela é. “Ao dar um sentido humano trivial a sua existência, ela acrescenta algo mais à sua notoriedade, por assim dizer estatutária, de nascimento (princesa Grimaldi), uma notoriedade pessoal construída onde seu sobrenome apaga seu nome (não se diz mais Stéphanie de Mônaco, mas Stéphanie).” (EHRENBURG, 2010a, p.70). A dimensão problemática desse referencial identitário revela-se em sua insustentabilidade. Ser igual a si mesmo é dar uma volta no nada, sobretudo quando ao longo de uma vida mais de uma identidade é almejada. Sem qualquer garantia

em relação ao futuro, o tipo-ideal do indivíduo performático, enredado em sua identidade situacional, parece ser profundamente suscetível a novas formas de mal-estar. Mais do que nunca a intuição de Benjamin é fulgurante: o choque das vivências (*Erlebnis*), que se precipita no frenesi das identidades possíveis, deixa os indivíduos não mais ricos, mas mais pobres em experiências narráveis.

O culto à performance guarda uma relação subterrânea, bastante incômoda, entre a pluralização e liberalização identitária e as novas formas de administração da vida sob o capitalismo flexível.

A junção da crítica à ironia sagaz pode resultar em quadros extremamente sugestivos do tempo presente. Isso ocorre com o pequeno trabalho de Luciano Gallino (2009), “Diário póstumo de um flexível”, publicado originalmente no periódico *La Repubblica*, em 2002. Tratando da flexibilização das relações de trabalho, na forma de um diário – que, pelas indicações da abertura do texto, estaria sendo lido por uma civilização futura – escrito por um trabalhador mediano, Gallino traça, no progresso das confissões, o estado de espírito desse sujeito diante da condição de profunda incerteza que o acompanha em seu percurso biográfico. O que se depreende da experiência ali fabulada é uma angustiante permanência no incomensurável, isto é, uma constante e reiterada incapacidade de avaliação do percurso percorrido, pois a cada momento no qual se empreende essa avaliação, o resultado é uma nova revisão biográfica – um eterno retorno às questões iniciais. E mais: a sensação dessa imobilidade mórbida, que ata o sujeito em um tempo desprovido de serialidade, é ao mesmo tempo acompanhada pela passagem fugaz de experiências informes, sem relevância formativa, o que afeta esse indivíduo flexível não apenas em sua relação consigo mesmo mas também na relação que estabelece com sua parceira e seus familiares. A falta de previsão, marcada pela concreta falta de previdência, precipita na experiência desse sujeito a ansiedade de um futuro totalmente desprovido de garantias – o que o leva a esforçar-se ainda mais para, talvez, remediar essa falta de garantias.

A condição miserável do homem flexível, que deve correr para manter-se no mesmo lugar, é também o propulsor de um mal-estar social cada vez mais evidente. A ansiedade gerada por todos os medos que podem devir de uma ordem imprevisível, somada ao solapamento do caráter e da confiança em si, propiciam um estado de terror continuado no qual a saúde emocional torna-se extremamente vulnerável. Assim aconteceu, segundo o periódico britânico *The Guardian* (WILLSHER, 2014), na gigante das telecomunicações francesa, *Orange*, que durante o ano de 2014 registrou 10 suicídios entre seus funcionários. Tal situação parece ser uma segunda vaga do mesmo fenômeno

ocorrido entre 2008 e 2009, período no qual uma quantidade significativa de funcionários tiraram suas próprias vidas – segundo o periódico *Libération* (L'ENQUÊTE..., 2015) foram 35 vítimas. Quase todos os relatos deixados pelos funcionários que se suicidaram, e segundo suas famílias, a depressão em que se encontravam e que os levou a cometer tal ato estava atrelada às condições de trabalho a que eram submetidos dentro da empresa. Dentre as principais queixas, constam a pressão contínua pelo aumento do trabalho e a organização interna da empresa baseada na ideia de mobilidade no espaço de trabalho – isto é, os funcionários eram periodicamente deslocados de seus postos, de maneira a não criarem vínculos permanentes nas relações estabelecidas. Essas notícias aterradoras, apesar de apontarem para casos de extremidade, não deixam de sugerir uma tendência patológica que, subterraneamente, acompanha o culto à performance e o desmantelamento de um padrão biográfico voltado para a unidade de sentido.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, nas primeiras décadas do século XXI a depressão atingirá níveis epidêmicos, chegando ao posto de segunda doença mais difundida, permanecendo apenas atrás das doenças cardiovasculares (ROSA, 2013; KEHL, 2009). Apesar de necessitar de constantes cuidados analíticos, a tomada da depressão como uma patologia do tempo presente – pelo fato de ser uma *patologia do tempo* – pode ser bastante sugestiva para compreender os efeitos da aceleração social sobre a vida psíquica na contemporaneidade e, conseqüentemente, deprender uma forma típico-ideal das novas formas de subjetividade que emergem com as transformações temporais. Alain Ehrenberg (2010a) foi um dos pioneiros nessa percepção, e sua obra dedicada ao culto da performance vincula diretamente a experiência do espírito empreendedor à generalização social da “depressão nervosa”. A normatividade da autonomia e o derretimento dos padrões de orientação disciplinar, cuja referência é Édipo (EHRENBERG, 2010b), lançam os indivíduos no abismo do *si-mesmo* e da concorrência.

A difusão massiva de psicotrópicos e a banalização de seu uso, sobretudo a partir dos anos 1980, já denota o estabelecimento de um mal-estar social que, não obstante, encontra nos próprios dispositivos sociais – no caso, a medicina – a sua solução (EHRENBERG, 2010a). A toxicomania emergente, para Ehrenberg, está profundamente vinculada ao acirramento da concorrência E, para ele, a depressão aparece como a mais emblemática das doenças do tempo presente, pois, segundo defende, a depressão é o estado patológico de uma individualidade radicalmente autonomizada, desprovida de solidariedade

social, e acometida pelo medo da insuficiência. Quando deparados com a insuficiência, esses empresários de si, não obstante, só tem duas opções: drogar-se ou abandonar o jogo. A droga torna-se uma prótese do eu. Num artigo publicado no *The New York Times* (SCHWARZ, 2015), relata-se uma série de casos de abuso de drogas para *Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade*, nos quais a melhora da performance profissional aparece como grande objetivo comum – pois, como consta nos relatos, as exigências do trabalho fazem do sono uma barreira. Tais medicamentos agem no organismo aumentando a capacidade de concentração e trabalho por horas. O abuso *dessas* drogas, já há muito tempo comum entre estudantes universitários, começou a tornar-se uma prática também comum entre profissionais dos mais variados setores. Não usar esses auxiliares externos pode significar uma profunda desvantagem do ponto de vista da concorrência, de modo que, no trocadilho em inglês ali empregado, essas não são drogas usadas “*to get high*” (para entorpecer-se), mas “*to get hired*” (para ser contratado). Num período de quatro anos o número de adultos norte-americanos que passou a consumir esse tipo de estimulante aumentou em 53%, atingindo algo em torno de 2,6 milhões de adultos em 2012. Esse tipo de prática reflete de maneira exemplar o modo pelo qual as novas formas de administração do tempo biográfico podem converter-se em práticas perversas. Não desregulamentar a própria condição fisiológica pode significar estar fora do jogo.

Existem pelo menos três motivos segundo os quais pode-se identificar na depressão uma patologia social própria ao tempo acelerado. Em primeiro lugar, porque sua caracterização indica, de maneira bastante estabelecida entre especialista, que suas causas encontram-se num aumento significativo de stress, o que significa uma maior exposição a ritmos frenéticos de mudança dentro de um quadro de grande incerteza e insegurança. Em segundo lugar, porque a depressão representa uma reação psíquica a condições temporais nas quais a experiência do tempo é marcada pelo turvamento do sentido do devir, um tempo sem futuro. Em terceiro, porque, além de sua emergência epidemiológica estar localizada justamente no momento em que são identificadas as transformações mais profundas na estrutura temporal do tempo presente, a depressão parece traduzir, em uma forma patológica pura, a experiência temporal da paradoxal “paralisação frenética” (ROSA, 2013). Para Maria Rita Kehl, torna-se evidente que os sujeitos do tempo presente estão mais suscetíveis a deprimir-se, de modo que a depressão pode ser tomada como um índice demonstrativo de uma nova sensibilidade, marcada pela violência da aceleração.

Analisar as depressões como uma das expressões do sintoma social contemporâneo significa supor que os depressivos constituam, em seu silêncio e em seu recolhimento, um grupo tão incômodo e ruidoso quanto foram as histéricas do século XIX. A depressão é a expressão do mal-estar que *faz água* e ameaça afundar a nau dos bem-adaptados ao século da velocidade, da euforia *prêt-à-porter*, da saúde, do exibicionismo e, como já se tornou chavão, do consumo generalizado. A depressão é sintoma social porque desfaz, lenta e silenciosamente, a teia de sentidos e de crenças que sustenta e ordena a vida social desta primeira década do século XXI. Por isso mesmo, os depressivos, além de se sentirem na contramão de seu tempo, veem sua solidão agravar-se em função do desprestígio social de sua tristeza. Se o tédio, o *spleen*, o luto e outras formas de abatimento são malvistas no mundo atual, os depressivos correm o risco de ser discriminados como doentes contagiosos, portadores da má notícia da qual ninguém quer saber. (KEHL, 2009, p.22, grifo do autor).

Como disse recentemente o filósofo teuto-coreano Byung-Chul Han (2015), a depressão faz parte de um rol de doenças diferentes daquelas causadas por excesso de ação imunológica, como as neuroses clássicas. Ela é a forma patológica de uma subjetividade que se apercebeu desprovida da capacidade de *negar*, de estabelecer ou vislumbrar um horizonte de limite. O indivíduo deprimido encontra-se na mesma constelação dos ansiosos, dos incapazes de manter atenção por períodos longos, dos ativistas de si mesmo. A implosão do eu é a forma de ser numa sociedade marcada pelo *excesso de positividade*. A depressão, tudo indica, é o estado anímico daqueles que, com ou sem consciência disso, viram-se prostrados diante de um abismo: sua lentidão é testemunho do fato de não poderem dar mais nenhum passo adiante. De alguma forma, nessa patologia do tempo presente, que se caracteriza pela atonia, pode-se entrever o surgimento de um padrão biográfico desprovido de conteúdo narrável. Ou uma hiper-narrativa, inenarrável.

O que esse Fausto deseja para si mesmo é um processo dinâmico que incluiria toda sorte de experiências humanas, alegria e desgraça juntas, assimilando-as todas ao seu interminável crescimento interior; até mesmo **a destruição do próprio eu** seria parte integrante do seu desenvolvimento. (BERMAN, 1982, p.41, grifo nosso).

NARRATING THE TIME OF LIFE AN ESSAY ON SOCIAL ACCELERATION

ABSTRACT: *This is an essay about the relation between subjectivity and temporality in contemporary societies, against the background of life's narrativity. It performs a reflection over time due the processes of secularization and individualization, elucidating it's relation to accumulation imperative, in ways which is discovered there an accelerative temporal nature. In light of social theory of modernization and of Hartmut Rosa's social acceleration theory, individual life is captured under the category of biographical time, in order to give a current time diagnoses.*

KEY-WORDS: *Biographical time. Social acceleration. Narrativity. Hartmut Rosa.*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

CRARY, J. **24/7:** capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

EHRENBERG, A. **O culto da performance:** da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Ideias e Letras, 2010a.

EHRENBERG, A. **The weariness of the self:** diagnosing the history of depression in the contemporary age. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2010b.

ELIAS, N. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

L'ENQUÊTE sur les suicides à France Telecom est close. **Libération**, [S.l.], 06 janv. 2015. Disponível em: <http://www.liberation.fr/societe/2015/01/06/l-enquete-sur-les-suicides-a-france-telecom-est-close_1174705>. Acesso em: 20 set. 2017.

FUKUYAMA, F. ¿El fin da la historia? **Estudios Públicos**, Santiago, n.37, p.01-54, 1990.

GALLINO, L. Diário póstumo de um flexível. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.2, n.1, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/viewFile/2192/1800>>. Acesso em: 17 out. 2017.

GOETHE, J. W. V. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: 34, 2006.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOBBSABWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LUKÁCS, G. **Arte e sociedade: escritos estéticos, 1932-1967**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2011.

ROSA, H. **Social acceleration: a new theory of modernity**. New York: Columbia University Press, 2013.

ROSA, H. Aceleración social: consecuencias éticas y políticas de una sociedad de alta velocidad desincronizada. **Persona y Sociedad**, Santiago de Chile, v.25, n.1, p.9-49, 2011.

ROSA, H. Full speed burnout? From the pleasures of the motorcycle to the bleakness of the treadmill: the dual face of social acceleration. **International Journal of Motorcycle Studies**, [S.l.], v.6, n.1, 2010. Disponível em: <http://ijms.nova.edu/Spring2010/IJMS_Artcl.Rosa.html>. Acesso em: 20 set. 2017.

SCHWARZ, A. Workers seeking productivity in a pill are abusing A.D.H.D. drugs. **The New York Times**, [S.l.], 18 abr. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/04/19/us/workers-seeking-productivity-in-a-pill-are-abusing-adhd-drugs.html?_r=0>. Acesso em: 20 set. 2017.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2010.

THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Crítica, 1984. p.239-293.

WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2011.

WILLSHER, K. Orange France investigates second wave of suicides among staff. **The Guardian**, [S.l.], 19 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/business/2014/mar/19/orange-france-investigates-second-wave-suicides>>. Acesso em: 20 set. 2017.

Recebido em 17 de março de 2017

Aprovado em 21 de maio de 2017

